# O etnocentrismo de Rorty - 07/01/2024

\_Criticando a filosofia moderna, Rorty abre espaço para um outro tipo de  
conhecimento \*\*[i]\*\*\_  
  
Rorty defendeu o materialismo eliminativo, um tipo de teoria da identidade  
mente e corpo que questiona a tese da impossibilidade de corrigir as  
representações mentais, já que teríamos um acesso privilegiado a elas e não  
conseguiríamos revê-las. Evoluindo seu pensamento, depois ele fez críticas as  
teorias da verdade como coerência e como correspondência, solapando a ideia de  
um mundo independente da mente e superando o debate entre idealismo e  
realismo; ele se volta contra uma filosofia fundante centrada na  
epistemologia.  
  
Para Rorty, no projeto filosófico moderno a epistemologia era baseada em uma  
metáfora do “olho da mente” que representa o mundo exterior. Conhecimentos a  
priori se originam na filosofia da “mente como espelho” e que pode ser  
estudada a priori, polindo-se esse espelho. Sem essa metáfora, não há análise  
fenomenológica ou análise lógica da linguagem, já que, mesmo Frege,  
transformou problemas de ideias em problemas de linguagem, porém manteve o a  
priori e o empírico. Nessa visão, a linguagem se apega ao mundo do mesmo modo  
que o conhecimento se apegava ao mundo, para Descartes.  
  
Sellars, com o “mito do dado”, e Quine refutando a “distinção analítico  
sintético” contribuem para eliminar problemas canônicos da filosofia, em um  
trabalho de terapia[ii] filosófica ao modo de Wittgenstein[iii], do que tentar  
resolvê-los teoricamente (i.e., são problemas mal colocados, conforme fala  
Plastino). Os problemas filosóficos são trazidos historicamente dentro de um  
vocabulário que deve ser questionado. Mesmo a filosofia analítica ainda tenta  
dirimir “desafios filosóficos”, mas ela não é o melhor estilo, apesar de útil.  
É preciso enxergar historicamente se não quisermos cair no platonismo.  
  
A filosofia deve superar o projeto de descobrir a Verdade ou agir segundo a  
Razão buscando uma autotransformação e aquisição de novos vocabulários,  
deixando de lado o projeto epistemológico e a filosofia sistemática. Apesar da  
virada linguística, a filosofia moderna ainda assombra a filosofia analítica.  
Quine contribui com a visão de Rorty, por exemplo, ao abandonar a ideia de  
significado como determinando a referência, ideia essa que torna proposições  
verdadeiras independente do que ocorra, como os enunciados analíticos que são  
verdadeiros apenas em virtude do significado de seus termos. Sellars puxa para  
a noção de conceito que nós temos e que usamos em contextos, ou seja, perceber  
algo já requer o conceito: primeiro tem-se o conceito de verde para depois ter  
a consciência de coisas verdes.  
  
Daí que Rorty vai tomar a noção de justificação como uma questão de prática  
social, ter o conceito e saber usar em uma prática social para que seja  
conhecimento e não a “relação entre palavra e objeto”. Justificamos na  
conversação, criticando e tratando objeções. Ele rompe a relação, supostamente  
verdadeira, entre a crença e o fato, e a traz para os jogos de linguagem. A  
epistemologia se dá pelo diálogo, por um vocabulário contingente e não por  
representações fiéis da realidade. É o chamado behaviorismo epistemológico,  
que não transcende a prática e se opõe ao objetivismo de Putnam.  
  
Mas como usamos as palavras e formamos crenças? Temos que descrever o modo  
como as formamos, ao estilo de Kuhn, em períodos, crises, paradigmas e  
vocabulários que se sucedem. Mais do que a experiência, é a prática que  
desempenha papel central no conhecimento. Davidson também contribui com a  
visão de Rorty, questionando o relativismo conceitual (e cognitivo), modos de  
organizar a experiência, e com esquemas conceituais apartados. Ora, sempre é  
possível haver uma tradução entre duas linguagens, ele se apega à  
interpretação radical já que a maioria de nossas crenças (e a dos outros)  
devem ser verdadeiras.  
  
Critica-se o ceticismo radical, pois a linguagem é compreensível e  
compartilhada. O dogma esquema – conteúdo[iv] (mundo) provoca o relativismo,  
mas temos contato com os objetos não mediado. Rorty critica a noção de  
verdade, baseado em Quine, e procura eliminar o predicado “é verdadeiro” que  
se aplica à expressão “A neve é branca” é verdadeira sse a neve é branca.  
Também distinguir verdade e justificação: supor que p é verdadeira é supor que  
p, sem justificação. Não se pode dizer verdadeiro para mim ou na minha cultura  
(noção absoluta), mas se pode dizer justificado para mim ou na minha cultura  
(noção relativa) – confusão feita por James e pragmatistas. A justificação é  
um critério para uma proposição ser verdadeira e não uma definição de verdade.  
Assim, não há crenças indubitáveis, visão falibilista. Justificar depende de  
cultura e jogo de linguagem.  
  
Estamos no campo do ironismo liberal defendido por Rorty, que tem como  
características o nominalismo, que se atem ao particular, o historicismo, já  
que as crenças são contingentes e visão críticas sobre as visões de mundo e  
vocabulários. Qualquer vocabulário deixa dúvidas e estão aquém da verdade,  
podem mudar e não evoluem para algo melhor. Entretanto, isso não leva a um  
relativismo cultural, que iguala perspectivas morais, pois sempre há algo a  
escolher. Não chegaremos a crenças indubitáveis, como queriam Sócrates e  
Platão, crenças morais imóveis, mas o pragmatismo que vê a história sabe que  
isso se dará por um acordo intersubjetivo. Escolher um esquema conceitual não  
significa atingir um ponto arquimediano fora do tempo e do espaço, absoluto,  
já que a própria racionalidade evolui e não há sistema neutro e universal.  
Respeitam-se posições que, de antagônicas, podem ser incomensuráveis  
(relativismo x absolutismo) tencionando fundamentar os pontos de vista e  
concepções de mundo que mudam.  
  
De acordo com Plastino, o ironismo está atrelado ao etnocentrismo, que “funda”  
o conhecimento a certas práticas sociais e período histórico. Uma proposição é  
garantida em solidariedade com as outras pessoas da sociedade dentro de uma  
visão de mundo, já que não existe exílio cósmico. Por fim, Plastino traz a  
visão política de Rorty sobre a democracia liberal, garantidora de direitos e  
liberdades e que não requer uma concepção filosófica. A prática social não se  
funda em uma essência da natureza humana ou da razão, mas é pela  
solidariedade, vendo as diferenças (religião, raça) como menos importantes que  
as semelhanças (dor, sofrimento). Importa a lealdade para com os outros mais  
do que se ater a uma posição filosófica, criticando uma filosofia ou moral  
fundantes e acadêmicas.  
  
Há que substituir o discurso da objetividade pelo da solidariedade porque  
Rorty, como Dewey, entende que a dor alheia nos toca levando em conta  
necessidade e desejo. A democracia liberal é legitimada pela construção human  
por um sentimento de solidariedade e compromisso social.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Fichamento UNIVESP  
[https://www.youtube.com/playlist?list=PLxI8Can9yAHcC9hEv4oAnMT5GI1zGRW1\_](https://www.youtube.com/playlist?list=PLxI8Can9yAHcC9hEv4oAnMT5GI1zGRW1\_)  
Empirismo e Pragmatismo Contemporâneos - \_O etnocentrismo de Rorty\_. Prof.  
Caetano Plastino.  
  
[ii] Conforme  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Terapia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terapia):  
Terapia ou terapêutica significa o tratamento para uma determinada doença.  
  
[iii] Falaremos disso quando tratarmos do livro “Linguagem, conhecimento e  
formas de vida em Wittgenstein”, de Valério Hillesheim.  
  
[iv] Diversos conteudos do mundo e diversos esquemas conceituais intraduzíveis  
entre si.